

Despontar do romance em Timor-Leste

Isabel Moutinho¹

O facto de Timor-Leste ter uma história particularmente trágica certamente contribuiu para o lento germinar da sua literatura escrita. Séculos de colonização portuguesa trouxeram o catolicismo, e pouco mais do que abandono, escasso desenvolvimento e um sistema de educação insuficiente e discriminatório. Seguiu-se um breve período de descolonização e escalada de tensões políticas entre os Timorenses. A súbita invasão pelas forças armadas indonésias, assim como as várias explosões de quase guerra civil entre Timorenses de diferentes convicções políticas, em 1975, 1996 e 2006, igualmente concorreram para demorar o aparecimento da literatura escrita. Por fim, a nível cultural, a imposição da cultura indonésia a uma população acostumada a uma vivência timorense-portuguesa produziu um efeito que muitos estranharam: que os Timorenses da geração da resistência escolhessem a língua portuguesa como veículo das primeiras manifestações da sua prosa literária.

Num país em que ‘a literatura vernácula é toda oral’ (Thomaz 1994, 601) e com uma longa tradição de contos populares, em prosa e em verso, sendo estes frequentemente cantados, não surpreende que as primeiras manifestações de literatura escrita viessem a ser, pela maior familiaridade com a musicalidade, em poesia. Contudo, a prosa literária despontou em 1997, com Luís Cardoso. Um ano depois, apareceu *Andanças de um Timorense*, de Ponte Pedrinha. O facto de Luís Cardoso continuar a escrever romances de extraordinária qualidade literária, e de outro romancista, Domingos de Sousa, ter publicado, em 2007, *Colibere: Um Herói Timorense*, só pode ser de bom augúrio, permitindo-nos falar do despontar do género romanesco em Timor-Leste.

Luís Cardoso nasceu em Cailaco (Bobonaro), e pertence à geração de Timorenses que foram para Lisboa fazer estudos universitários (no seu caso, silvicultura). Tendo começado a escrever crónicas numa revista de estudantes, revelou-se como contador de histórias e recitador de poesia, chegando a formar um grupo que cantava poemas musicados (Esperança 2005a, 23). Mas o traço decisivo para o desenrolar da sua carreira posterior é ter-se dedicado também a escrever contos.

Tal como costuma acontecer entre escritores de países anteriormente colonizados, o primeiro livro de Luís Cardoso, *Crónica de Uma Travessia: A Época do Ai Dik-Funam* (1997), não é primordialmente de ficção. Narra a vida do pai do narrador, com abundantes recordações do Timor colonial, combinando assim os registos autobiográfico e memorialista. Através da história do pai, um enfermeiro timorense aculturado, o leitor segue também a deslocação do filho (o narrador em primeira pessoa) para Portugal. A figura do pai, que acredita firmemente dever ‘morrer à sombra da bandeira (portuguesa)’ (12), retrata com força a dualidade cultural dessa geração educada no respeito ao colonizador europeu, sem jamais abandonar as crenças tradicionais timorenses, tais como a veneração de objectos sagrados (*lulik*). Quanto à travessia do título, trata-se, portanto, tanto da viagem física rumo à diáspora em Portugal, como da viagem metafórica, da identidade em devir, narrada já com procedimentos inconfundivelmente literários.

Para o filho, a travessia mais dolorosa é a que conduz da alienação colonial ao umbral de uma identidade transformada, para a qual vai avançando, até se libertar do lastro da autoridade do pai amado. Em Portugal, este espera recuperar a memória perdida ‘num acidente vascular’ (140). Será desnecessário sublinhar que se trata também, simbolicamente, da perda da memória colonial – num gradual processo de amnésia e recordação que Homi Bhabha (1994, 63) descreve como um ‘desmembrar’ e ‘re-lembrar’ do passado colonial, indispensável à afirmação do novo ser pós-colonial.

Em Lisboa, o narrador sente-se dividido entre o ideal defendido pelo pai e os seus próprios sentimentos de desenraizamento num país cuja geografia e história aprendera de cor e só nos livros. Para ele, a emancipação cultural é mais difícil do que para os exilados timorenses mais politizados. Mas, com a suave ironia que os romances posteriores confirmariam como distintiva do estilo de Cardoso, o narrador consegue abalançar-se no labirinto da autocrítica cultural (‘pelo [s]eu passado

¹ School of Historical and European Studies, La Trobe University, Melbourne, Austrália.

burguês, decadente e com prática contra-revolucionária’, 133), que felizmente não considera penosa, graças ao hábito da confissão católica no seminário jesuíta timorense. *Crónica de Uma Travessia* apresenta ainda uma série de retratos docemente humorísticos de homens que são hoje figuras eminentes de Timor-Leste: Abílio Araújo, Mário Carrascalão e os filhos, José Ramos-Horta, Mari Alkatiri (83-85), Nicolau Lobato (101), Xanana Gusmão (146). Quanto ao narrador, apesar da sua ‘permanente disponibilidade para a autocrítica’ (92), em breve reconhece que ‘a [sua] corrida era outra’ (71)–ótima decisão que inauguraria a literatura timorense.

Publicado em 2001, o segundo livro de Luís Cardoso, *Olhos de Coruja Olhos de Gato Bravo*, é um romance que nos imerge numa cultura inquietantemente estranha para o público ocidental. Nele sobressaem as crenças tradicionais timorenses, numa coexistência quotidiana do real e do sobrenatural: a importância simbólica dos rituais das parteiras (semelhantes às Parcas), o *rain-fila* (partidas que a terra prega aos intrusos) –já mencionado em *Crónica*, o *rain-nain* (o espírito da terra), a existência de sítios sagrados onde os espíritos vagueiam em liberdade. Lê-se também acerca dos costumes ancestrais que orientam a vida timorense: o casamento como aliança entre famílias, os dotes pagos em búfalos, as rivalidades entre régulos e *liurais*, o hábito da máscara, as lutas de galo para diversão e como fonte de ingressos, etc. Embora a protagonista de *Olhos de Coruja* afirme que só se casaria com ‘um *malae-mutin*’ (um estrangeiro), por ter crescido ‘na metrópole, [...] usava roupa ocidental [...], só falava a língua portuguesa, [...], não sabia mascar nem dançar o *tebe*’ (149), nesse momento já o romance nos mergulhou nas águas profundas da cultura tradicional timorense, que ironicamente a protagonista afirma desconhecer.

Olhos de Coruja situa-se firmemente no universo da ficção, partindo de um engenhoso golpe de realismo mágico (ou um mero entretecer muito timorense de realidade e fantasia), que se transforma em plena alegoria. A narradora é uma menina cujo pai se sente ameaçado pelo tamanho dos olhos dela. O Padre Santa, *alter ego* do pai, venda-lhos quando a baptiza (116), condicionando-lhe assim a capacidade de apreensão do mundo. A personagem do pai, um catequista católico timorense de origem chinesa, constrói-se por oposições binárias, reflectindo a hibridez que a chegada do colonialismo português desencadeia em Timor: animismo e cristianismo, as lendas tradicionais e a Bíblia, as línguas locais e a portuguesa. Mas o humor na descrição das personagens e a graça na narração de situações extraordinárias nunca impedem o leitor de entender a crítica da distorção que a longa convivência com a cultura estrangeira impôs à cosmovisão autóctone. No fim a narradora ousa arrancar a venda dos olhos, afirmando: ‘Não consegui ver nada. Foram muitos anos de sombra’ (159) – a sombra do colonialismo português que escureceu os céus timorenses.

O título do terceiro livro de Luís Cardoso, *A Última Morte do Coronel Santiago*, de 2003, parece anunciar a resolução de qualquer ambivalência quanto à figura paterna dominante, que aqui começa (talvez?) a descansar em paz.² A figura paterna que aparece primeiramente no pai biológico de *Crónica de Uma Travessia*, dividindo-se depois na dupla pai catequista/padre que venda os olhos em *Olhos de Coruja*, reaparece agora neste Coronel Pedro Santiago, que se crê armado cavaleiro na cidade emblematicamente católica de Santiago de Compostela. De novo, o protagonista tem um *alter ego*, Pedro Raimundo, a sombra do Coronel, que, desejando corrigir os erros da História, assassinará Santiago. Também aqui se reconhece a profunda influência do catolicismo na sociedade timorense, na escolha humorística de nomes de apóstolos, dois Pedros e um Lucas. Este, filho do Coronel, é escritor, vive em Portugal e está apaixonado por uma mulher com ‘olhos de coruja ou de gata’ (49). Denunciado por ter escrito *Crónicas do Sexta-Feira* (o Sexta-Feira de Daniel Defoe), com um protagonista reaccionário em vez dum herói timorense, Lucas viaja a Timor, onde o passado ajusta contas com ele. E de novo as lendas e mitos timorenses se entrecem na ficção do romance, alternando com uma divertida auto-referencialidade e ecos intertextuais de literaturas europeias e latino-americanas.

Pelas suas fantasias imperiais, o Coronel apresenta-se como uma figura definitivamente do passado. Embora seja assassinado no romance, deixa-nos a impressão de ter talvez simplesmente chegado ao fim da vida natural. Em termos literários, as escolhas do autor não podiam ser mais claras: o romance respira confiança, ironia, graça intertextual, num diálogo tanto crítico como terapêutico com a

² Este título parece aludir à *Crónica de una muerte anunciada* de Gabriel García Márquez, cujo protagonista também se chama Santiago. Contudo, Timor colonial tinha os seus próprios coronéis, título concedido pelas autoridades portuguesas a alguns chefes locais, no intuito de mantê-los do seu lado.

história imperial portuguesa e o património cristão da Europa, oferecendo uma visão pluralista e geograficamente descentrada de um mundo (tecnicamente) descolonizado.

O romance mais recente de Luís Cardoso, *Requiem para o Navegador Solitário*, de 2007, tem, como *Olhos de Coruja*, uma narradora feminina. Catarina é uma jovem chinesa de Batávia (hoje Jakarta), filha de um rico comerciante chinês continental, que está noiva do capitão do porto de Díli, para pôr o selo na associação comercial entre o pai e o noivo. Dona da excelente ‘educação europeia’ (12) habitual nas famílias chinesas ricas, Catarina chega a Díli nas vésperas da invasão japonesa de Timor, levando consigo um livro favorito: a narrativa da circum-navegação de Alain Gerbault – escolha de mau agouro, porque, na vida real, Gerbault morreria no porto de Díli em 1941, imediatamente antes da invasão japonesa.

A Díli que Luís Cardoso descreve em *Requiem* é ponto de encontro de várias nacionalidades: um Goês, um Indiano de Bengala, um ‘aventureiro de Ceilão’ (24), um algarvio, muitos exilados políticos, inclusive de Angola e Moçambique, ‘à espera de uma amnistia ou de uma revolução para regressar a casa’ (26) – como corresponde à consabida realidade histórica de Timor. Porém, duas novas potências estrangeiras estão prestes a chegar à ilha. Embora Timor oriental, como território à época português, fosse oficialmente neutro, a ilha será arrastada para a guerra, obrigando o governador a fazer concessões tanto aos Japoneses como aos Australianos, ‘para agradar a uns e a outros, a Deus e ao diabo, o que para os nativos era tudo a mesma coisa. Levavam porrada de qualquer maneira’ (152). Como a trama incide nas escolhas pessoais, lutas e amores de Catarina, o livro não focaliza a invasão japonesa de Timor. Mesmo assim, *Requiem* evoca muito vividamente o período histórico em que Timor entraria pela primeira vez na História do século XX:

Marginal face ao império Português, tornou-se central no seu epílogo; marginal para a Austrália, tornou-se central, quer ao nível interno, quer externamente, pela posição estratégica adquirida na região (Seixas 2006, 42).

Um ano após a estreia de Luís Cardoso, publicou-se outro romance timorense: *Andanças de Um Timorense*, de Ponte Pedrinha (pseudónimo).³ Nele revela-se sobretudo uma escolha cristã para toda a vida. O romance ganha força pelo tom de extraordinária sinceridade da voz narradora, infelizmente não escorada numa rigorosa técnica literária. A estrutura do livro é problemática, com uma longa narrativa inicial, não muito bem integrada, cuja função parece ser assinalar o momento preciso em que o seu autor se torna escritor, bem como dar a conhecer as suas motivações psicológicas. Quando principia o romance propriamente dito, compreende-se que o narrador foi separado dos pais na infância, um dos muitos infortúnios que atormentariam a vida da família, por se terem os pais negado a cumprir uma tradição ancestral de Ataúro (Esperança 2005b, 134). Mandado para a Austrália pelos pais, para salvar-se das atrocidades indonésias, o protagonista recebeu nesse país uma educação muito religiosa. Já adulto, ama intensamente uma mulher, mas opta por deixá-la para dedicar-se inteiramente à vocação religiosa, tornando-se missionário.

O romance sublinha a importância do catolicismo, religião que apesar de estrangeira se tornou num rasgo definidor da identidade timorense. A insistência do narrador em que se lhe chame apenas ‘um Timorense sem cidade’ (7, 87, 88, etc.) aponta para um retrato colectivo do povo timorense. Pode-se, portanto, ler o romance como alegoria da cristianização de Timor. Graças ao trabalho dos missionários cristãos do século XVI (Thomaz 1994, 597-600) e à obrigação, no século XX, de escolher uma das cinco religiões reconhecidas no Pancasila indonésio (Hicks 2011, 120), o catolicismo enraizou-se inabalavelmente no coração dos Timorenses. O trecho em que até o *Mata-blolo* (padre animista de Ataúro) aceita o baptismo católico (53) parece confirmar a justeza desta interpretação. Contudo, a partida do narrador para África como missionário e a sua desapareção numa guerra civil africana cria ambiguidades difíceis de destrinçar para o leitor. Haverá uma alusão à guerra civil que se preparava em Timor? Neste caso, seria mais fácil entender o sentido do romance se houvesse referências explícitas. O aspecto mais positivo é afinal a descrição pormenorizada de rituais e práticas ancestrais de Timor-Leste, que permitem ao leitor entrar num mundo geralmente inacessível.

Finalmente, outro romance do mesmo ano que o último de Luís Cardoso (2007) merece especial atenção: *Colibere: Um Herói Timorense*, de Domingos de Sousa. O autor nasceu em Laleia

³ Respeitando a decisão do autor, não se revela aqui o seu verdadeiro nome. Basta esclarecer que se trata de um Timorense residente em Portugal.

(Manatuto) e estudou no seminário de Évora e numa instituição jesuíta de Yogyakarta, obtendo depois um mestrado em Educação nos Estados Unidos. Actualmente desempenha as funções de diplomata do seu país, mas este romance, com o seu intuito evidente de deixar registo da História contemporânea de Timor-Leste, dá testemunho indubitável do interesse do autor pela educação.

Colibere começa nos últimos anos do colonialismo português, numa aldeia de Manatuto, com condições de vida deploráveis: miséria, ‘atraso de séculos’ (15), subordinação da mulher em situação de quase escravatura e uma visão fatalista do mundo (9) que impossibilita qualquer esperança. O romance inicia-se com os preparativos dum casamento combinado, à maneira timorense, com o devido *barlaqui* (16-17). O segundo capítulo é sobremaneira discursivo, com extensas citações de estudos sobre costumes timorenses. Apesar da fascinante aprendizagem cultural que proporciona, não deixa no entanto de se tornar pesado, pois pertenceria melhor à antropologia do que à ficção. Contudo, com o nascimento de Colibere, o filho do casal, o romance começa a seguir a vida da jovem família, adquirindo ritmo e mérito literário.

No romance de Domingos de Sousa, vemos as reacções dos Timorenses à revolução democrática em Portugal, o seu ressentimento pelo abandono das autoridades portuguesas face à invasão indonésia e às atrocidades consequentes. Em breve, o pai de Colibere é assassinado e Colibere, preso por participar na resistência. Juntamente com a mãe, este ‘herói timorense’ será deportado para a ilha de Ataúro, onde ambos padecem fome, humilhação e tortura, acabando ele por mergulhar na loucura. Psicologicamente destroçado, Colibere vive em abjeção sub-humana. O romance evoca momentos traumáticos da resistência contra a cruel ocupação indonésia; não esconde o conflito fratricida entre diferentes facções timorenses; e termina recordando o entusiástico apoio popular ao Conselho Nacional da Resistência Timorense e o renascer da esperança após o referendo de 1999, momentos delirantes que Colibere presencia com incredulidade, quase sem entender o seu significado. Embora o livro tenha trechos excessivamente discursivos e didácticos, trata-se dum primeiro romance a muitos títulos notável. Domingos de Sousa retrata com garra as convulsões da vida timorense nos finais do século XX. São particularmente impressionantes as páginas dedicadas à voz colectiva das mulheres timorenses, cuja contribuição à resistência do país é muitas vezes esquecida.

Pela urgência em registar a história dos heróis e heroínas timorenses anónimos, *Colibere* aproxima-se do texto de testemunho, que John Beverley (2004, 73) define como forma de ‘arte e estratégia da memória subalterna’.⁴ Mas há nele muitas páginas que recordam as circunstâncias que fizeram dos Timorenses vítimas da História, em vez de afirmar orgulho na sua agência histórica, como é próprio do *testimonio*. Embora defenda um forte argumento político, *Colibere* nunca é agressivamente doutrinário, como o *roman à thèse*, e parece portanto preferível vê-lo como romance didáctico. Oferece uma visão do mundo moralista, baseada na fé cristã, insistindo na necessidade de inculcar bons sentimentos na geração jovem. Recalca, além disso, a necessidade urgente de reconciliação numa sociedade que as vicissitudes históricas dividiram. Quanto à Indonésia, não se vê ainda a reconciliação como possibilidade imediata. Embora o narrador fale dos Indonésios como ‘irmãos’ de Colibere (206), o romance termina precisamente afirmando que falta ainda um pedido de desculpa oficial por parte da Indonésia quanto aos graves ‘erros’ históricos que cometeu em Timor-Leste, e que seria particularmente bem-vinda uma ‘palavra especial’ da Igreja Católica indonésia (‘esta igreja irmã’, 206), que preferiu ignorar o suplício do povo timorense. Assim, as palavras finais do romance são de reconciliação ecuménica.⁵

Em conclusão, apesar de a poesia ter sido a primeira manifestação literária escrita e continuar a ser o género preferido do grande número de poetas de Timor-Leste, é já possível discernir um embrião de prosa literária no jovem país. Os autores que aqui se analisam vivem por razões pessoais ou profissionais na diáspora, mas voltam frequentemente a Timor-Leste. E escrevem em língua portuguesa. Mas outros haverá que o façam também em Bahasa Indonesia (Melayu) e em breve se pode esperar que comecem a surgir romances em Tétum e outras línguas timorenses. O impulso já foi dado com o concurso que levou à publicação do primeiro livro de literatura juvenil em Tétum, *Ha’u*

⁴ Pela sua heterogeneidade estilística, *Colibere* convida à reflexão genológica, que infelizmente não cabe neste artigo. Desde *Against Literature* (1993), Beverley tem proposto várias definições de *testimonio*. Se aceitamos a sua definição deste como “above all a story that *needs* to be told, that involves some pressing and immediate problem of communication” (2004, 61), aproximamo-nos significativamente do livro de Domingos de Sousa. Contudo, não se trata duma narrativa na primeira pessoa, como é habitual no *testimonio*.

⁵ Compare-se com a decisão de Xanana Gusmão de perdoar as atrocidades indonésias.

Maka Lucas (Meu Nome É Lucas), de Teo Ximenes, em 2010, sobre a geração de crianças roubadas às famílias timorenses e levadas para adoção na Indonésia. Outro concurso literário (*Istoria Timor: Kompetisaun Literatura Tetun*), cuja convocatória acaba de terminar em Agosto de 2011, foi lançado por Timor Aid.⁶

Quanto aos romances em língua portuguesa aqui estudados, cada um apresenta a seu modo e em estilos muito diferentes uma meditação sobre a identidade cultural de Timor-Leste, sem perder a capacidade de cativar e deleitar com a arte dos contadores de histórias, que continua a ser a mais antiga tradição da cultura oral timorense. Por agora, o número destes romances é demasiado reduzido para permitir tirar conclusões de peso. Mas não há dúvida de que a qualidade excepcional da obra de Luís Cardoso, principalmente, e a promessa muito real do primeiro romance de Domingos de Sousa justificam já a esperança do desenvolvimento de uma literatura escrita robusta no jovem país, seja qual for a língua que os autores escolherem no futuro.

Bibliografia

- Beverly, John 2004, *Testimonio: On the Politics of Truth*, University of Minnesota, Minneapolis/London.
- Bhabha, Homi 1994, *The Location of Culture*, Routledge, London.
- Cardoso, Luís 1997, *Crónica de Uma Travessia. A Época do Ai-Dik-Funam*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- 2001, *Olhos de Coruja Olhos de Gato Bravo*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- 2003, *A Última Morte do Coronel Santiago*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- 2007, *Requiem para o Navegador Solitário*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- Esperança, João Paulo T 2005a, *O Que é a Lusofonia?/ Saida Maka Luzofonia*, Instituto Camões, Dili.
- 2005b, 'Um Brevíssimo Olhar sobre a Literatura de Timor', *Mealibra—Revista de Cultura* série, 3(16): 131-134, Centro Cultural do Alto Minho, Viana do Castelo.
- Hicks, David 2011, 'Church Confronts State: The 2005 *Manifestasaun* in Timor-Leste' in Lindquist, Galina and Don Handelman (eds), *Religion, Politics, and Globalization: Anthropological Approaches*, Berghahn Books, New York.

⁶ Agradeço esta e outras informações preciosas a Pat Walsh, principal conselheiro e mentor da CAVR, Comissão para o Acolhimento da Verdade e Reconciliação em Timor-Leste.